

Grupo de trabalho: Mesa 1 Debates contemporáneos en epistemología de las ciencias sociales

Título: Notas sobre metodologia e o saber comunicacional a partir do viés da Escola de Chicago

Autora: Ma. Daiani Ludmila Barth

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)/Universidade Federal de Rondônia (Unir)

E-mail: daiani.barth@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho trata de reflexão epistemológica acerca do entendimento conceitual da metodologia no campo da Comunicação, na perspectiva da Escola de Chicago. O texto visa contribuir com a reflexão acerca de vícios metodológicos e lógicas apropriadas no estudo de fenômenos acerca da Comunicação, bem como realizar o resgate de uma concepção conceitual metodológica voltada para um entendimento além da descrição metódica, ao emergir a riqueza proveniente da metodologia.

Em livros de tipo "manual", onde figuram os elementos formadores de um trabalho acadêmico de maneira padronizada para algo que se pretende reconhecer enquanto caráter científico, o entendimento de metodologia perpassa o modelo de *como fazer* a produção de conhecimento. Assim, a pesquisa é dividida tal qual um móvel que se adquire pré-fabricado, cujo resultado final, se o encaixe das partes ocorrer devidamente, está previsto no

manual de instrução. O problema de um roteiro de procedimentos predefinido é que, conceitualmente, epistemologia, metodologia, método, técnica, instrumento, hipótese, ou ainda, o próprio empirismo, não são formulados e explicitados criticamente como processos geradores de conhecimento.

Em detrimento a essa ideia, uma proposição de estudos que considera, sobretudo, o contexto de pesquisa, emerge na incipiente Sociologia através da Escola de Chicago, fundada no século XIX nos Estados Unidos. Essa escola influencia, entre outras áreas do conhecimento, a própria ciência da Comunicação, ao marcar o início das teorias desse campo atualmente institucionalizado, em geral atribuído aos estudos de Robert Park, nos anos 1910, e suas observações acerca do processo migratório nos Estados Unidos e, especialmente, o entendimento do Jornalismo como forma de conhecimento (Park, 2008). A partir de um olhar centrado, portanto, nos cenários da pesquisa, característica marcante dos estudos de Chicago, defende-se o entendimento metodológico em sintonia com a proposta de construção do conhecimento onde possa ocorrer, de fato, a passagem do pesquisador de um modo de anomia para outro que permita a autonomia diante da pesquisa acadêmica.

2. Sobre a construção de um lugar de fala acerca da metodologia

O fazer metodológico entendido como “processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis” (Abbagnano, 2007, p.164), é deveras restrito, quando se considera um olhar apressado aos dicionários. Para além disso, algo que permanece constante em metodologia é sua necessidade de (re) formulação, contrária ao conteúdo que versa sobre a normatização de referências bibliográficas, questionários, cronogramas, o que é (sucintamente) uma pesquisa quantitativa, com demonstrações estatísticas e

modelos de gráficos, além das características de uma pesquisa qualitativa ou, ainda, as duas perspectivas em uma mesma investigação.¹

A pesquisa dividida em partes logicamente encadeadas e que suprima a necessidade por resultados, corrobora em modos de pensar que ignoram a densidade e a riqueza metodológica. Sob esse enfoque, o entendimento reduz-se à etapa de coleta de dados, onde o pesquisador (a) direciona a análise com vistas a provar e validar uma hipótese desejada. Dessa maneira, a necessidade de respostas e soluções promove a construção mental de um porto seguro (Demo, 1995) estável, em consonância com a precisão dos procedimentos adotados, onde a dúvida e o erro são desprezados porque incorrem em falhas e riscos.

Consequentemente, ao invés de buscar a verdade acerca do fenômeno em estudo, peca-se pelo esquecimento de que entre o dado empírico e o objeto de pesquisa existe uma distância razoável, o que corrobora para que "(...) a imaginação entre em cena eliminando facilmente o abismo. (...) Ela 'realiza' o ideal e até o impossível" (Koyré, 1982, p. 209). A tendência de valorização de atenções voltadas à produção de resultados e que, ao mesmo tempo, ignora ou minimiza a produção de sentidos acerca dos fenômenos estudados, necessita a construção de um lugar de fala que considere o entendimento da ciência como *coisa* viva (Santaella, 2001, p. 103), experiência intrínseca do pesquisador. Nesse sentido, vale lembrar Bachelard quando denuncia: "Numa mesma época, sob uma mesma palavra, coexistem conceitos tão diferentes! O que engana é que a mesma palavra tanto designa quanto explica. A designação é a mesma; a explicação é diferente" (1996, p. 22). Nesse ritmo, há a proliferação de *novos* conceitos produzida em prol da avidez por novidades. Entretanto, Goode & Hatt esclarecem que "cada conceito, em resumo, comunica ao especialista uma grande quantidade de experiência, abstraída e esclarecida para aqueles que compreendem o termo" (1989, p. 58).

¹ Importa esclarecer que se procura evitar priorizar argumentos quanti ou qualitativos, entendendo a pesquisa realizada como processo dinâmico de idas e vindas, onde essas duas esferas se confundem, assim, sem a necessidade dessa distinção.

Nesta concepção, têm-se um entendimento de ciência em sintonia com a proposta de construção de conhecimento onde possa ocorrer, de fato, a passagem do pesquisador de um modo de anomia para outro que permita, primeiramente, um estado de heteronomia (que ocorre em sua formação), com vistas a posterior autonomia,² que é a postura doravante pressuposta diante do que se pretende pesquisar. Dessa forma, será possível a formulação de conceitos, pois com o passar do tempo, um quadro de referências antes claro e delimitado pode ser colocado em dúvida e reelaborado a partir de sua multiplicidade de entendimentos (Goode & Hatt, 1989, p. 67).

A metodologia, portanto, é o processo reflexivo que permite ao pesquisador compreender a pesquisa e não apenas seus produtos. Através da metodologia, é possível dar “lugar a uma lógica reconstruída que pode ser independente por completo a lógica-em-uso” (Kaplan, 1975, p. 26). E essa lógica reconstruída ocorre através da passagem do tempo, exercício inseparável da própria história do conhecimento. As ideias existem e não há como dividi-las em velhas e novas, em modernas e antigas, nem mesmo este trabalho tem a pretensão de realizar um resgate histórico contextual. De qualquer modo, referir-se à metodologia implica o entendimento da ciência e a experiência do passar do tempo não apenas em uma dimensão *chronos* no sentido de medir o tempo (lembrando o cronômetro), ou como uma passagem cíclica de momentos que determinam a vida humana, ou ainda a determinação de datas e ordem de acontecimentos históricos entendido através da cronologia, mas sobretudo a partir de uma outra dimensão, a de consciência acerca do tempo histórico, com o intuito de buscar referências que ensejem a construção contemporânea de um saber comunicacional.

² Ao referir a formação das palavras e seus significados, anomia, heteronomia e autonomia têm origem grega. O dicionário de Filosofia explica que, a primeira, basicamente, significa “ausência de regras”, e é um termo utilizado por sociólogos, como Durkheim, para indicar a ausência/deficiência de organização social. Já heteronomia significa sujeitar-se a uma lei/vontade de outrem, enquanto que autonomia, significa a capacidade de governar-se por si próprio, de acordo com Kant, em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. (Abbagnano, 2007, p.62; p.97-98)

A metodologia como exercício do pesquisador remete a uma tarefa, de acordo com Kaplan, que visa "(...) indicar o estudo – descrição, explicação e, justificação – dos métodos e não os próprios métodos" (1975, p. 21). Defende-se, portanto, que cada pesquisa merece um desenvolvimento epistêmico, para sustentar-se argumentativamente e configurar um pensamento. Em consequência, cada pesquisa é também um saber e um desenvolver metodológico único, um caminho a uma aprendizagem, o que remete ao artesanato intelectual (Mills, 2009) no pensamento construído pelo pesquisador.

A partir da perspectiva de um pesquisador com autonomia, o método irá configurar o desfecho dessa postura reflexiva metodológica, cujo objetivo está em "(...) descrever e analisar esses métodos, lançando luz sobre suas limitações, realçando sua utilidade, esclarecendo em que se baseiam e as consequências que acarretam" (Kaplan, 1975, p. 26). O pesquisador está em relação com seu objeto de estudo, busca o entendimento de um processo, articulado ao problema de pesquisa. A jornada de aprender a pensar epistemologicamente acerca de seu papel na construção do conhecimento depende disso, e a escola de Chicago assume relevância nesse sentido, o que está em relação com o processo de construção do saber metodológico comunicacional.

3. Breve contextualização: Escola de Chicago

Convidado a realizar uma conferência no Brasil sobre a história da Escola de Chicago, Becker (1996) inicia com a criação da Universidade de Chicago no final do século XIX, a partir de doação financeira de John D. Rockefeller, milionário estadunidense à época. Através do recém-contratado professor Albion Small, fomentam-se os estudos acerca da Sociologia nos Estados Unidos, em um contexto de expansão e crescimento demográfico, resultado de acelerado desenvolvimento industrial em Chicago.

Assim, em meados de 1910 e nas décadas seguintes, o departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Chicago domina o horizonte sociológico estadunidense (Coulon, 1995), cujo foco de investigação passa a ser o meio urbano, dando origem aos estudos que discutem as relações entre cidade e Comunicação. Na Sociologia, o trabalho desenvolvido pelos membros da escola leva a constituição de ramos especializados na chamada Sociologia Urbana, em decorrência ao aparecimento de fenômenos sociais como a criminalidade, delinquência juvenil, desemprego, pobreza, imigração e a formação de guetos.

Do ponto de vista metodológico, a cidade é vista como laboratório social, o que propicia a valorização da pesquisa empírica, o que contrapõe a inclinação à reflexão teórica das escolas sociológicas europeias. Assim, enquanto a inspiração teórica-filosófica perdura no velho continente, busca-se uma abordagem empírica que leve em consideração os sujeitos e o meio social em que vivem. Em Chicago, pela primeira vez, a pesquisa é privilegiada ante o ensino. Coulon retoma uma passagem onde o primeiro presidente da universidade, William Harper, considera que apenas “quem se dedicou à pesquisa pode ensinar aos demais como pesquisar” (1995, p.13), assim, eventualmente, libera-se os professores de seus cursos para dedicação integral à pesquisa.

Emerge, dessa forma, a importância de considerar o contexto da pesquisa, o cenário em análise, além do desenvolvimento de métodos de ida a campo. Becker recorda o caráter fundamental de entender o contexto acerca dos fenômenos em estudo, seu testemunho demonstra isso:

Nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos. Não havia nada demais nisso, tudo isso me parece puro bom senso, mas muitas pessoas tinham uma espécie de apego religioso a métodos de pesquisa. (1996, p.186)

Contribui nessa perspectiva a influência do filósofo John Dewey, que juntamente Charles S. Peirce e William James é considerado um dos criadores da filosofia do pragmatismo (Ghiraldelli Jr, 2007), cujo legado perpassa a escola de Chicago, influencia gerações de pesquisadores e a cultura estadunidense. A perspectiva metodológica a partir dos princípios do pragmatismo busca compreender as dimensões simbólicas e o contexto social dos sujeitos. Aliado a isso, é no empirismo norteado pela comprovação de evidências práticas que se desenvolvem estratégias de coleta de dados a fim de buscar o entendimento dos sujeitos e seu mundo social. Conseqüentemente, entre outros fatores, as pesquisas passam a ocorrer de forma localizada, ao que Becker afirma: "(...) Chicago passou a ser a cidade mais pesquisada do mundo e provavelmente o será sempre" (1996, p.183)

A filosofia pragmatista também configura forma e sentido à perspectiva do interacionismo simbólico, através de Charles Cooley, John Dewey e principalmente George Mead (Joas, 1999), cujo trabalho tem prosseguimento com Herbert Blummer (1980). Desde este ponto de vista, o observável centra-se no sujeito, entendido como protagonista social e intérprete do mundo simbólico do qual faz parte. Na construção do objeto de pesquisa, emergem múltiplos métodos de pesquisa, entre eles, a observação participante no sentido da interação social e *self* (Goffman, 1985), além da própria etnografia, na busca por compreender o social diante da estrutura. O interacionismo simbólico é especialmente importante em estudos que envolvem microsociologia e psicologia social, sendo posteriormente também desenvolvido na Escola de Palo Alto.

Ao considerar a concepção de um pensamento onde a epistemologia enquanto reflexão acerca de conhecimento, de teorias, ideias e busca pelas verdades que configuram um saber científico dilui-se diante da pressão por resultados, vícios metodológicos ocorrem no sentido de apropriação de lógicas de maneira naturalizada. O pensar epistemológico origina-se desde outra instância, onde se inclui a discussão metodológica, que pode durar uma vida

para sustentar-se cientificamente. Onde, ainda, o tempo experimentado e refletido terá outra dimensão do que apenas cronológica, como referido anteriormente, algo a ser refletido a partir de Chicago.

Na escola, opera a perspectiva funcionalista estrutural, realizada através de *surveys*, entretanto, o ponto de vista antropológico não deixa de ser fundamental (Becker, 1996). Os fenômenos sociais estudados propiciam o desenvolvimento metodológico das pesquisas, com destaque ao método descritivo. Assim, suscitam as práticas biográficas a partir das histórias de vida individuais ou coletivas dos sujeitos, o que valoriza a análise desde o ponto de vista do sujeito a ser pesquisado, perspectiva que vigora na contemporaneidade.

Ainda com relação a método, especialmente nos primórdios da sociologia estadunidense, o assunto estudo de caso remete a escola de Chicago, cujo foco são os significados pessoais de pessoas envolvidas no caso em estudo. Posteriormente, seu desenvolvimento metódico corrobora em estudos de caso clássicos traduzidos nos trabalhos de Elihu Katz e Paul Lazarsfield, determinantes na pesquisa em Comunicação. (Donsbach, 2008)

Diante de relações que podem ser feitas, importa considerar o resgate da "teoria da suspeita" em um cenário de procedimentos dados previamente, muitas vezes colados a determinado objeto de estudo de acordo com a conveniência de estudos anteriores, cujo uso é *naturalizado* com a pretensão de alcançar a eficácia e resultados. Na contramão desse panorama, a escola de Chicago demonstra a importância do desenvolvimento da pesquisa a partir do problema a ser estudado, voltando esforços na ida a campo e na busca por métodos que auxiliam a compreensão dos problemas em estudo. Esta é uma conduta que remete à reflexão crítica necessária que adota a experiência interpretativa no fazer pesquisa, aliada a formação e autonomia do pesquisador (Blummer, 1980). A metodologia, nesse sentido, aparece como o processo reflexivo descrito por Parsons:

As considerações metodológicas entram em cena quando vamos por trás disto para investigar se os procedimentos pelos quais essa observação e verificação foram realizadas – inclusive a formulação das proposições e os conceitos nelas envolvidos, e os modos de extrair conclusões delas – são *legítimos*. Perguntamos se, em bases gerais, à parte dos fatos específicos envolvidos, um procedimento desse tipo pode levar a resultados válidos, ou se nossa impressão de sua validade é ilusória. (2010, p. 57-58, grifo do autor)

4. Apropriações metodológicas desde o saber comunicacional

O que interessa ao comunicólogo? Essa é uma pergunta simples se o seu entendimento não fosse deveras complexo. Os estudos em Comunicação³ nascem vinculados ao contexto econômico, político e cultural ao longo do século XX, juntamente com o desenvolvimento de correntes de pensamento em outras áreas, em contextos específicos de formação. Estabelecem-se, principalmente, a partir de vertentes teóricas onde constrói-se a ideia de *media*, onde a sociedade “sente-se” e “situa-se” a partir desses processos, tais como o advento do rádio e da televisão e sua repercussão social advinda da consolidação dos meios de Comunicação de massa. No entanto, essa delimitação não se configura de maneira consistente, com vistas a parâmetro disciplinar.

Coincidentemente, as transformações sociais provocadas pelos meios de comunicação de massa tem início no período auge do departamento de Sociologia estadunidense, assim, são percebidas e passam a ser analisadas na Escola de Chicago. A popularização ocorre primeiramente com o rádio, nos anos 20 e depois a televisão, a partir dos anos 30. A sociedade descobre-se, logo, através da Comunicação, e um recorte epistêmico que viabiliza uma faceta desse entendimento configura-se no fascínio diante dos meios, o que enseja a formação da sociedade do espetáculo (Debord, 2003) que dá suporte e circunstância a uma cultura reduzida à informação superficial e

³ Importa esclarecer que, na perspectiva adotada, a discussão de campo da Comunicação não é abordada explicitamente, tendo em vista a opção epistemológica que versa sobre o saber comunicacional.

entretenimento, na visão de Vargas Llosa (2013). Como tal, o casal Mattelart (1991) define contradições e realiza críticas com relação a isso, na filiação aos contextos culturais em detrimento da ideologia da Comunicação sem limites. Dessa maneira, desenvolvem a ideia da reabilitação do ruído no processo comunicacional, um elemento geralmente esquecido nas problemáticas, porém fundamental em sua compreensão. Ao ilustrar essa questão, ruídos representam uma noção ampliada de barulho, sons, mensagens não codificadas, para além da unilateralidade e direcionamento presente na transmissão de informação concebida como Comunicação. Assim, importam também outras realidades e temporalidades no processo. Diante dessa complexidade, a utilização de técnicas concebidas *a priori* ou métodos instituídos desviam-se da compreensão dos fenômenos comunicacionais. E nesse sentido, Mills compreende que:

Ser dominado por el 'método' o por la 'teoría' es sencillamente verse impedido para trabajar, para tantear, es decir, para averiguar lo que está sucediendo en el mundo. Sin penetrar el modo como se lleva a cabo el trabajo, los resultados del estudio son poco sólidos; sin la determinación de que el estudio llegue a resultados significativos, todo método es pretensión insignificante (1995, p.135)

Neste panorama, Sfez (1994) sustenta os estudos da Comunicação por demandas culturais e sociais, principalmente vinculadas à eclosão de guerras e questões políticas e econômicas. A partir de pressões de outras áreas do conhecimento, a ideia de que "tudo comunica" vai se delimitando na medida em que se estabelece um saber comunicacional. Na escola de Chicago, Coulon (1996) destaca a importância dada na busca pelo diálogo com diferentes áreas do conhecimento, primeiramente com a Antropologia, além dos vínculos com as Ciências Políticas, Psicologia e a Filosofia. Assim, a relação da escola de Chicago e os estudos de Comunicação são presumíveis, tendo em vista que se atribui a esta o início dos primeiros estudos com foco em fenômenos comunicacionais,

que formam a área institucionalizada atualmente, a exemplo do Jornalismo como forma de conhecimento (Park, 2008), como referido anteriormente.

Há, portanto, um empréstimo de métodos que primeiramente foram pensados/desenvolvidos para o estudo de fenômenos cujos objetos de pesquisa situam-se na Sociologia, e isso em determinado tempo cronológico/social, importa referir Becker nesse sentido: "(...) para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum" (1996, p.186). Na ausência de um método específico desenvolvido para operacionalizar metodologicamente a pesquisa de fenômenos comunicacionais, eis que os métodos sociológicos desenvolvidos a partir da Escola de Chicago são sucessivamente *contrabandeados* para os estudos em Comunicação.

No Brasil, encontra-se exceção no esforço epistêmico de Marcondes Filho no viés metodológico desde um método próprio, *metáporo*, desenvolvido no âmbito do que intitula "A nova teoria da Comunicação" (2014). Entretanto, essa delimitação não se configura de maneira sólida, existe a falta de consenso em torno do desenvolvimento de um método comunicacional, o que promove discussões no campo. Uma possível explicação para isso é a existência de uma corrente de autores que entende a Comunicação como área em relação contínua com os demais saberes. Nessa percepção, Bougnoux contribui para a complexidade quando sustenta que "é preciso, portanto, que nossa comunicação permaneça essa coisa turbulenta e vaga, da qual não há ciência nem técnica, mas que está acima ou enquadra a maior parte delas" (1999, p.18). Ancora-se, para isso, no sentido da transdisciplinaridade:

A 'comunicação' resiste assim às tentativas prematuras de fazer dela uma área fechada, universitária ou profissional. É uma disciplina desconfortável para o estudante se este espera um programa, objetos ou perspectivas, pois como a filosofia, ela compensa a sua ausência de fundamentos ou de teoria dominante circulando entre os saberes e requestionando estes últimos. (BOUGNOUX, 1999, p.14).

Essa discussão apresenta semelhança ao que ocorre na escola de Chicago em meados do século XX. Segundo Joas (1999), por um lado, os pesquisadores defendem a necessidade de profissionalização das Ciências Sociais e, por outro, também entendem que há responsabilidades que não podem renunciar, no que se refere a gravidade de problemas sociais, principalmente de cunho religioso.

No sentido da reflexão em torno do saber metodológico comunicacional, importa problematizar o entendimento acerca de ciência e método no campo da Comunicação para compreender o que, de fato, a instância metodológica significa na pesquisa. Russi (2007) traz à tona a questão, especificamente no ingresso/egresso de estudantes da graduação no país e pós-graduação em Comunicação no âmbito da Universidade de Brasília (UnB), onde constata que

Nesse ambiente, pode-se falar de ausência de noções básicas e falta de clareza no que tange principalmente a: o campo da comunicação, os projetos de pesquisa, a pesquisa em si – método, objeto de pesquisa, problema de pesquisa, técnicas, instrumentos, desenho metodológico, misto entre: técnica, método e metodológico. Também se denota a confusão feita pela opinião vulgar na dicotomia da pesquisa como de tipo fácil/difícil, simples/complicado, possível/impossível e assim por diante. (2007, p.4)

Na emergência deste panorama epistemológico, outro possível questionamento, refere-se a como superar o lugar comum e construir uma fala própria desde um lugar distinto de pesquisador (a), remetendo a Foucault (2008), quando existem indicativos suficientes da falta de diálogo referente a conceitualização metodológica na Comunicação. Preocupação semelhante à de Maldonado (2002), na construção de uma perspectiva *trans*, especificamente acerca da pesquisa em Comunicação, configurando, assim, uma proposta transmetodológica, contrária ao que denomina de metodologia excludente a qual “impossibilita observações, experimentações, descrições, formulações, interpretações e inovações articuladoras dos fenômenos e processos comunicacionais” (2002, p.11). Para além disso, o autor considera a dimensão

sensitiva/emotiva crucial na construção do conhecimento que influenciam a prática da pesquisa (Maldonado, 2002, p.4), cujo entendimento entra em consonância com a trajetória da Escola de Chicago.

O olhar exagerado acerca do aprendizado vindo do empírico dentro do pensamento científico, entretanto, refuta a ideia de experiência processual de pesquisa desde a perspectiva vista, ou seja, que o conhecimento também é construído da experiência sensorial. O cuidado com a empiria é que, de tanto ser exaltada, acaba por minar a formulação conceitual como aspecto chave de um pensamento científico. Importa lembrar que se vive em uma cultura onde o aprendizado se dá através de exemplos, e não através de conceitos. Onde há uma naturalização de responder perguntas, buscar por resultados e, desde o paradigma da medida (Bachelard, 1996), fazer emergir dados. Estes, órfãos de uma problematização à altura a ser respondida, que significa reflexão diante do caminho trilhado para concluir a jornada.

5. Considerações finais

Na reflexão epistemológica considerando o viés metodológico em Comunicação a partir da Escola de Chicago conclui-se que esta influencia sobremaneira as pesquisas realizadas na área ao desenvolver a importância de considerar os contextos, a perspectiva do olhar acerca dos sujeitos da pesquisa e principalmente a procura pela construção do objeto de pesquisa na ida a campo.

A partir da construção de métodos centrados em torno da observação e trabalho de campo para analisar a vida social, a Escola de Chicago contribui pela realização de pesquisas em torno do fenômeno comunicacional. Assim, histórias de vida, etnografia e *surveys* configuram opções disponíveis de olhares metódicos aos pesquisadores da Comunicação. Entretanto, ao considerar as lógicas apropriadas, defende-se que esse empréstimo aconteça desde um entendimento pleno do pesquisador, levando em consideração que tanto

estudos que remetem a análise estrutural, quanto aqueles voltados a indivíduos estão presentes no âmbito da Comunicação, portanto, desde autonomia diante do estudo que se constrói e que servirá de referência no campo comunicacional. Nesse sentido, reside a tensão apontada no texto, de utilização de métodos advindos das problematizações sociológicas de Chicago a fim de encaixarem-se aos problemas comunicacionais sem a discussão metodológica e o entendimento, inclusive, do conceito metodologia no processo de pesquisar.

Há que se concluir que, na atualidade, a ciência que se consolida, resultante de caminho e esforços no modo de pensar de outrora, estaria em vantagem no que significa compreender as revoluções passadas, uma vez que já as ultrapassou. E assim, em prol dessa aptidão, formular conceitos, entendê-los e considerá-los poderia configurar em algo realizado a partir de um quadro de referências amplo e detalhado de experiências passadas. Porém, a ingenuidade desse pensamento deve ser evitada, a começar pelo intuito desse trabalho especialmente ao fomentar o debate acerca da metodologia e o saber comunicacional a partir da contribuição da Escola de Chicago.

Bibliografia

- Abbagnano, N. (2007) *Dicionário de Filosofia*. Trad. (1ª ed.) Alfredo Bosi; rev. Tradução e novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (1996) *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Becker, H. (1996) *A escola de Chicago*. Mana, vol.2, nº.2, Rio de Janeiro. Disponível:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131996000200008
- Blumer, H. (1980) A natureza do interacionismo simbólico. In: Mortensen, C. (Org.) *Teoria da Comunicação: textos básicos*. SP: Mosaico.
- Bougnoux, Daniel. (1999) *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: EDUSC.
- Coulon, A. (1995) *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papyrus Editora.^[1]_{SEP}
- Debord, Guy. (2003) *A sociedade do espetáculo*. E-Book. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>

- Demo, P. (1995) Um elogio ao Erro. In: *Metodologia científica em ciências sociais*. SP: Atlas, p. 52-58.
- Donsbach, W. (2008) *The international encyclopedia of communication*. Blackwell Publishing: Oxford (UK).
- Ghiraldelli Jr, P. (2007) *O que é pragmatismo?* São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos.
- Goode, W. J. & Hatt, P. K. (1989) *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Ed. Nacional.
- Goffman, E. (1985) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Joas, H. Interacionalismo simbólico (1999) In: Giddens, A. & Turner, J. (orgs.) *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 127-174.
- Kaplan, A. (1975) *A conduta na Pesquisa*. Metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Koyré, A. (1982) *Estudos de história do pensamento científico*. Brasília: UnB.
- Marcondes, C. (2014) *Das Coisas que nos fazem pensar: o debate sobre a Nova Teoria da Comunicação*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Mattelart, A. & M. (1991) *Penser les médias*. 1. ed. Paris: La Découverte.
- Mills, C. W. (1995) *La imaginación sociológica*. Santiago: Fondo de Cultura Económica.
- _____.(2009) *Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Park, R. (2008) *A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento*. In: Berger, C; Marocco, B. A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina.
- Parsons, T. (2010) *A estrutura da Ação Social*. Um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores recentes. Vol. I – Marshall, Pareto, Durkheim. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Ramón y Cajal, S. (1979) Preocupações do principiante. In: *Regras e conselhos sobre a investigação científica*. SP: USP, [1920]; p.9-23.
- Russi, P. (2007) Angulações reflexivas sobre um “não saber metodológico”. *Anais XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*.
- Santaella, L. (2001) *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker.
- Sfez, L. (1994) *Crítica da comunicação*. 2. ed. São Paulo: Loyola.
- Vargas Llosa, M. (2013) *A civilização do espetáculo*. Trad. Ivone Benedetti, Rio de Janeiro: Objetiva